

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO.
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS.
CURSO DE PEDAGOGIA - 7º PERIODO.
DISCIPLINA: MONOGRAFIA I.
PROFESSORA: DENISE SARDINHA.
ALUNA: MAURA WEBER DE ALMEIDA.

PROJETO DE MONOGRAFIA

"CRECHE INFORMAL TIA ANASTACIA: UMA EXPERIENCIA MARGINALIZADA"

1994.2

" CRECHE INFORMAL TIA ANASTACIA: UMA EXPERIENCIA MARGINALIZADA "

UNI-RIO
UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

A Prof Denise Sardinha

Prezada Sr^a

Informo a V S^a que Maura Weber
de Almeida, aluna do curso de Pedagogia es-
teve neste semestre sob minha orientação no
Projeto de monografia recebendo grau: 9,0

Atenciosamente

Cláudio Martins Bora

INDICE:

PAGINA

CAPITULO 1	3
CAPITULO 2	13
CAPITULO 3	15
BIBLIOGRAFIA	26
CRONOGRAMA	28

CAPITULO 1

1.1 - FORMULAÇÃO DO PROBLEMA:

E visível atualmente a deterioração progressiva da educação fundamental no Brasil, o que caracteriza a crise em que está imersa.

A análise desta situação não pode ser feita isoladamente, pois a crise na educação fundamental é parte de uma crise geral da sociedade em que ocorre uma progressiva deterioração da moral, dos valores e das atitudes.

Essa crise na atual situação da educação brasileira é fruto de longos períodos de ausência de políticas públicas efetivas no sentido da sua transformação.

Logo, vemos que o Brasil é um país de 3o mundo com um sistema capitalista que faz uma distribuição desigual da riqueza e da renda; que dedica percentuais reduzidos para a educação, concorrendo para a atual crise e mormente no setor da educação fundamental.

Podemos dizer, que deveria haver uma maior atenção para essa área com dotação de maiores recursos financeiros, uma vez que a educação é entendida como a prática dependente da estrutura social em que está inserida, e que o descaso gera a marginalidade cultural e social, uma vez que a instituição escolar cumpre a sua

função de reforçar a dominação e legitimar a marginalização, tornando-se " o mecanismo de recomposição da hegemonia da classe dominante". (Saviani, 1980, p.22).

Fruto de um contexto de crise econômica, as populações de rua que vivem sob viadutos e pontes vêm aumentando em número significativo nos últimos anos; e por conseguinte apresentando diversas necessidades como: alimentação, saúde, higiene, habitação e educação.

Dentre essas necessidades que a população de rua apresenta, vemos como uma delas a educação, este mesmo setor que nos dias atuais atravessa uma série de dificuldades por consequência de uma precária política pública voltada para isso.

Por enfrentar tamanha crise, o sistema não se encontra preparado para receber esta demanda de crianças que fazem parte da população de rua, discriminando mais um segmento da sociedade, dentre outros que a escola já rejeita sob os mais diversos pretextos que se localizam nas questões sociais, econômicas e culturais.

Nesse sentido, vemos que a educação está longe do seu propósito de se tornar um instrumento de superação da marginalidade, ao contrário, se convertendo num fator de marginalização cultural.

A população localizada sob o viaduto do metrô da Praça da

Bandeira, por ser banida da escola pública não vê outras possibilidades para atender a demanda educacional e funda no referido contexto, precariamente, uma creche. A prática efetuada causa dissidências com os órgãos públicos competentes, porém não muda o fato. A Creche Informal Tia Anastácia se estabelece e se expande, sendo para nós motivo de estudo e pesquisa, no que se refere ao registro de suas experiências desde sua criação e suas perspectivas de trabalho.

1.2 - JUSTIFICATIVA:

A Creche Informal Tia Anastácia, situada sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira, zona Norte do Rio, nasceu da revolta de uma cidadã que não conseguiu matricular seus filhos numa escola da rede pública do Estado, por não possuir um endereço fixo.

A existência de uma creche situada embaixo de um viaduto por motivos de necessidade, revolta e discriminação causou impacto nos diversos meios de comunicação de massa, e se tornou manchete nos principais jornais do estado não só pela peculiaridade do fato, como também pela sua relevância e significado para aquela comunidade e por atender a um número considerável de crianças.

Este impacto não aconteceu somente nos meios de comunicação, mas também se transformou em polêmica e problemática para a Secretaria de Educação, que alegava a existência ilegal da creche inoportuna, por não possuir documentação, ambiente apropriado, saneamento básico, material didático conveniente, enfim, toda uma estrutura física e burocrática que uma instituição precisa apresentar para funcionar.

O funcionamento da creche se aproxima ao de uma instituição da rede oficial; conta com a presença de diversos profissionais que atuam como voluntários e de profissionais capacitados

que atuam recebendo salário pela função que desempenham como é o caso da professora.

Os fatos aqui relatados, são suficientes para justificar a relevância do referido estudo e seu significado, no sentido de registrar uma experiência nova, audaciosa e que pode vir a se mostrar como ponto de reflexão do movimento de resistência daquela população.

1.3 - OBJETIVOS:

* GERAL

- Descrever a experiência da Creche Informal Tia Anastácia.

* ESPECIFICOS:

- Apresentar o histórico da construção coletiva da creche em estudo.

- Contextualizar o trabalho realizado na creche com o Sistema Municipal do Rio de Janeiro.

1.4 - QUESTÕES DE PESQUISA:

* Qual o significado da Creche Informal Tia Anastácia na visão do usuário?

* Qual o significado da creche na visão dos seus realizadores (Aparecida e voluntários da comunidade)?

* Como se revela a construção desta realidade via jornais.

* Qual o significado da creche na visão oficial?

1.5 - DELIMITAÇÃO DE ESTUDO :

A crise na educação fundamental vem se agravando ao longo dos anos devido as precárias políticas públicas voltada para esse setor; e que repercute no abandono das poucas escolas voltada para atender essa enorme demanda por educação por qual passa a sociedade brasileira.

Essa demanda é apresentada principalmente pelas populações de rua, que em número elevado são banidos do sistema sendo marginalizados e estigmatizados pela escola e pela própria sociedade, por viverem na rua e não apresentarem um endereço fixo.

Por causa desses problemas e discriminações, pretendemos descrever a experiência da Creche Informal Tia Aparecida, que nasceu da revolta de uma cidadã, que por morar sob um viaduto, não conseguiu matricular os filhos numa instituição escolar da rede pública de ensino do estado, por não possuir um endereço fixo.

Ao descrevermos essa experiência tentaremos abordar principalmente o propósito que levou a sua construção, sua trajetória até os dias de hoje, as barreiras ultrapassadas e não ultrapassadas, e principalmente o conflito com o Sistema Público de Ensino e órgãos competentes; pelo fato ter se tornado manchete nos principais meios de comunicação do estado.

Este problema é perceptível em toda sociedade brasileira, mas só vamos estudar esse caso que está ocorrendo no Município do Rio de Janeiro.

1.6 - ORGANIZACAO DO ESTUDO :

O estudo será composto por 5 capítulos:

O primeiro capítulo apresenta o problema, a justificativa, a delimitação do estudo, os objetivos e as questões de pesquisa;

O segundo capítulo trata da metodologia e dos métodos e técnicas utilizados para a descrição da pesquisa;

O terceiro capítulo fundamentará nossas observações e futuras inferências no estudo a partir da revisão de literatura que realizaremos;

O quarto capítulo consiste na análise dos dados obtidos e estudados e

O quinto capítulo apresenta as conclusões obtidas de nossas reflexões sobre a experiência de uma creche informal nestas condições de funcionamento.

CAPITULO 2

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa que estamos realizando é um estudo de caso, de ordem qualitativa sobre a crise na educação fundamental através da descrição da experiência da Creche Informal Tia Anastácia, situada sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira.

Este tipo de pesquisa se desenvolve em interação dinâmica reparando-se e restaurando-se constantemente, de forma que a coleta de dados num certo momento passa a ser análise de dados, ou seja, um veículo em busca de novas informações.

De forma que as idéias expressadas pelo sujeito numa entrevista dão ênfase a novos encontros com a mesma pessoa ou outras, a fim de que se possa explorar o mesmo assunto ou outros que sejam relevantes para o estudo em questão.

Sem dúvida, a pesquisa qualitativa leva em conta a participação do sujeito, apoiando-se em técnicas e métodos que evidenciam sua ligação e da pessoa que fornece as informações.

A pesquisa qualitativa permite ao investigador lançar mão de diversos recursos na realização de seu estudo. Esta multiplicidade de recursos, que a pesquisa qualitativa concede ao

pesquisador, dá origem a técnica da triangulação, com o propósito de abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto em estudo; partindo do princípio de que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social sem suporte teórico.

OBJETO DA PESQUISA

Nosso objeto será constituído das experiências realizadas pelos indivíduos que vivem sob o viaduto do Metrô da Praça da Bandeira, no que tange aos aspectos educacionais presentes na prática popular da Creche Informal Tia Anastácia.

INSTRUMENTAÇÃO

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa serão: entrevista semi-estruturada, coleta de dados em jornais, arquivos da rede oficial de Ensino do Município do Rio de Janeiro, com o objetivo de correlacionar a visão oficial e a visão dos usuários para obter inferências possíveis que elucidem a experiência educacional presente em nosso estudo.

A entrevista semi-estruturada, será o principal recurso para realizarmos a coleta de dados. Como revela Triviños (1987) esse instrumento valoriza a presença do investigador, proporcionando todas as possibilidades possíveis para que o infor-

mante atinja a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da pesquisa, uma vez que o informante seguindo a linha de seu pensamento e de suas experiências, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O início da entrevista, será marcado de visitas constantes à comunidade em estudo, percebendo se existe a possibilidade de contar com o apoio da mesma para dar fundamento a esta atividade.

O pesquisador deve ter em mente os objetivos que pretende alcançar com a entrevista e explicitar ao entrevistado o que se deseja dele e qual a contribuição que pode dar para o esclarecimento da pesquisa.

Com relação ao registro e ao horário da entrevista, estes serão estabelecidos entre informante e investigador de forma conveniente, fixando mais ou menos a duração da entrevista.

Este tipo de entrevista, favorece tanto a descrição dos fenômenos sociais, como também a explicação e a compreensão de sua totalidade dentro de situações específicas como de situações amplas.

A seguir estão as questões para a entrevista semi-estruturada.

1) Qual o motivo que levou a construir a Creche Informal Tia Anastácia?

- 2) Há quantos anos existe a creche?
- 3) Onde moram as crianças que são atendidas pela creche?
- 4) De onde vem o dinheiro que mantém a creche?
- 5) Há professores trabalhando na creche?
- 6) Trabalham outras pessoas com você? Quem são?
- 7) Quantas crianças estão na creche?

CAPITULO 3

FUNDAMENTACAO TEORICA

A crise da educação brasileira, principalmente da escola fundamental, vem de longa data. Ela é produto de uma sociedade capitalista em crise que vem se agravando desde o período do golpe de 64, atingido pelo "terror político". E, principalmente com a expansão industrial onde ocorre um enriquecimento da burguesia e um empobrecimento das camadas populares, permitindo a burguesia usufruir de todos os benefícios e privilégios enquanto as classes subalternas permanecem excluídas do processo social.

Se hoje, as classes subalternas estão alienadas da participação na cidadania, é porque não interessa a elite, educá-las pois, uma vez conscientes, estas podem alterar o "status quo".

Essa crise na educação fundamental começou no século XIX, quando no processo de passagem do regime monárquico para o republicano disseminou-se um ideário de exercício de cidadania onde a instrução passa a ser entendida como dever do Estado, agora republicano.

A partir daí, fica explícito o desinteresse e a incapacidade do Estado e da República de atender a educação a todos,

ficando claro que havia uma sociedade dual, burguesia e proletariado, que impedia o progresso da educação do povo, achando que já era suficiente a educação das elites, ficando a educação somente restrita a minoria esclarecida, cumprindo assim, a escola a função de reproduzir as relações sociais de produção capitalista, conforme relata Saviani (1971, p. 47), citando Baudelot e Establet.

No relato de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, a escola aparece no lugar do antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, que era a igreja, após uma violenta luta de classes políticas e ideológicas. A partir daí, o Aparelho Ideológico Escolar constitui o mais acabado instrumento de reprodução das relações de produção capitalista, porque tem o poder de inculcar desde cedo a ideologia da classe dominante sobre a base da formação educacional, reproduzindo as relações de dominante e dominados ou de exploradores e explorados.

A educação voltada para o povo era a remanescência da ideologia liberal, ou seja, uma política realista que alcançaria níveis de generalidade e de qualidade, que a definiam como eficiente instrumento de promoção sócio-econômica, política e cultural. Logo, um regime democrático impõe que seja adequada a participação qualificada e solidária de pessoas, grupos e instituições no funcionamento articulado da práxis social.

Nesse sentido, a educação fica contida nos limites de

suas virtualidades técnicas e instrumentais; explicitando a fraqueza da educação brasileira estipulada pelo Estado que levam a cultura a separar a educação do desenvolvimento.

Com isso, a ordem social do estado estava nas mãos da classe dominante que não acreditavam na educação como fator de desenvolvimento, pois não se poderia elevar todo o povo ao nível da verdadeira competência, porque tudo que é feito na educação dentro do status quo é disfarçado por uma política que muda os números mais não muda as coisas numeradas; como se adiantasse mudar o número dos escolarizados se eles recebem na escola, principalmente na fundamental uma educação deteriorada e inadequada, com todas as repercussões econômicas, políticas e culturais, a educação é o próprio espelho da política de desenvolvimento; que acoberta a discriminação social, com fins de reproduzir a ideologia dominante.

As políticas educacionais de nossa história recente, a cada constituição vem diminuindo o percentual de verbas que a União, Estados e Municípios devem repassar de seus orçamentos para a educação.

Enquanto em toda parte do mundo ampliam-se os investimentos em educação, no Brasil, a política orçamentária opta por um cerceamento progressivo desse setor, revelando a qualidade da mentalidade das elites dirigentes; pois uma vez ampliada as áreas de educação acarretará uma perturbação do equilíbrio numa socie-

dade arcaica como a nossa.

Outro fator que também possui peso sobre a crise na educação fundamental são as mudanças de direção dos órgãos públicos, provocando uma descontinuidade administrativa, com o abandono de medidas recém iniciadas, desperdicando também a fragilidade a política educacional e a desarticulação dos órgãos de educação, ocasionando a superposição de planos e programas governamentais.

Dai, surge a preocupação com a alfabetização, pois a mesma põe em ebulição os níveis populacionais inferiores, ameaçando o rompimento dos colégios eleitorais da classe dominante uma vez que a alfabetização é conscientização, é consciência crítica, e é participação levando o povo a questionar a estratificação social, pois quando descobrem que pouco sabem de si e de seu valor na sociedade, se inquietam por querer saber mais, se indagam, respondem e suas respostas os levam a novas perguntas numa constante busca do saber.

E quando compreendem a sua realidade, levantam hipóteses sobre o desafio dessa realidade a procura de soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias.

Nesse sentido, fica claro que "a escola em lugar de ser um instrumento de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interes-

ses" (Saviani, 1980, p.34).

Com a descoberta de que são seres oprimidos, começam cedo ou tarde a lutar contra quem os fez menos e a tentar recuperar sua humanidade.

A luta pela humanização, por livrar-se da contradição opressão-oprimido. é para ter a liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade, requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos, se as condições sociais fomentam a existência de autômatos.

O desenvolvimento de uma consciência crítica permite ao homem transformar a realidade cada vez mais urgente. E na medida em que estes, dentro de sua sociedade vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. " Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que queremos".(Paulo Freire, 1979).

Logo, numa sociedade de classes toda educação é classista. E, na ordem classista, educar, no único sentido aceitável, significa conscientizar e lutar contra esta ordem, ou seja, subvertê-la.

Este tipo de sociedade se caracteriza pela conservação

do status ou privilégio e por desenvolver todo um sistema educacional que mantenha este status. Estas sociedades não são tecnológicas, são servis. E há uma dicotomia entre o trabalho manual e o intelectual, ou seja, entre a teoria e a prática.

Esta dicotomia na educação brasileira, é condição mesma da existência da escola na sociedade brasileira - dividida em classes - enquanto formação social dominada pelo modo de produção capitalista para reproduzir as relações de exploração e dominação, onde a classe dominante aceita como êxito da escola o fracasso escolar com fins de dar seguimento a relação de exploradores e explorados; uma vez que se a instituição escolar vier a apresentar êxitos, poderá ocorrer uma mudança nos meios de relação desta sociedade.

O fato de que a escola se encontra no polo teórico separada do pólo prático, é consequência da separação existente nas sociedades capitalistas entre o trabalhador e os meios de produção. A escola reproduz aquela separação ao mesmo tempo que é seu efeito, reproduzindo a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

É o que Baudelot e Establet chamam de teoria da escola dualista que apesar de ser unitária e unificadora, é uma escola dividida em duas grandes redes, o primário-profissionalizante, voltado para a classe dominada e o secundário-superior, voltado para a classe dominante.

Com isso a classe dominante considerava o trabalho manual degradante; achando o trabalho intelectual digno e o manual indigno. Por isso que as escolas técnicas se enchiam com os filhos das classes dominada e não das dominantes, uma situação que se revela hoje, num processo de revisão.

O sucesso dessa luta só se concretizará quando os opressores (burguesia) proporcionarem aos oprimidos (proletariado) uma educação de base, digna para que os oprimidos possam participar e usufruir dos benefícios e privilégios do progresso social, assim como das decisões de fatos importantes na sociedade e percebendo o seu valor nesta.

Somente com o processo de transformação social garantido por novos projetos políticos que contemplem maiores formas de participação, é que a educação passará a ser valorizada como grande elemento gerador de mudanças.

É a partir dessa valorização, que a idealizadora da Creche Informal Tia Anastácia, pensa no objetivo do funcionamento da creche. Objetivo este, de equalizar a marginalização daquelas crianças e de atender a demanda por educação daquela comunidade, já que seus próprios filhos foram estigmatizados e discriminados por uma instituição escolar da rede pública do estado.

A Creche Informal Tia Anastácia funciona precariamente no referido contexto com o propósito de atender a demanda educacional daquela comunidade, já que as mesmas são estigmatizadas

e discriminadas pela escola pública que no momento não se encontra preparada para atender essa demanda da população, por atravessar momentos de dificuldades por consequência de políticas públicas precárias.

O presente estudo, a partir da moldura teórica aqui construída tentará explicitar a relevância e o significado da creche para aquela população.

BIBLIOGRAFIA :

- A crise do ensino básico. *O Dia*, Rio de Janeiro, 28 ago. 1994. Opinião, p. 4.
- AHMED, Marcelo. Uma creche embaixo do viaduto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1993, p. 15.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro, Graal, 2. ed., 1985.
- Aparecida sugere e a escolinha é logo inaugurada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1991. *Globo Tijuca*, p. 4.
- BARBOSA, Gustavo. Escola nasce da revolta. *Beijo da Rua*, Rio de Janeiro, Ano V, número 13, 1993. *Crianca*, p. 11.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 17. ed., 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 21. ed., 1983.
- Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos. *A Educação no Brasil e o Analfabetismo*. Brasília, 2. ed., 1988.
- LIMA, Lauro de Oliveira. *O Impasse na Educação: diagnóstico, crítica, prospectiva*. Rio de Janeiro, Vozes, 2. ed., 1969.

- MENDES, D. (Org). *Filosofia da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 8. ed., 1988.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. São Paulo, Autores Associados, 25. ed., 1991.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação Não é Privilégio*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio. 1957.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas. 2. ed., 1990.
- WARD, Miriam Jorge. *Educação e Estrutura Social: a profissionalização em questão*. São Paulo, Moraes. 3. ed., 1983.

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	MARCO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Coleta de dados	X			
Entrevista	X			
Análise dos dados coletados		X		
Redação da Monografia			X	
Revisão do Texto e Editoração Final				X